Capítulo VII — Terceira época

Essa ordem tão perfeitamente lógica aos olhos da razão e da fé teve a desgraça de desagradar aos homens que, sabendo-o ou sem o saber, trouxeram de volta o paganismo à Europa e inauguraram a terceira época da nossa educação pública. Eis em poucas palavras a história dessa revolução inaudita, cujas consequências desastrosas ainda hoje suportamos.

Constantinopla acabava de cair sob os golpes de Maomé II: era em 1453. Tristes restos de uma nação dispersa aos quatro ventos por ter traído a fé de seus pais, os gregos fugitivos chegam ao Ocidente. Na bagagem de proscritos trazem as obras dos filósofos, dos poetas, dos oradores, dos artistas pagãos, de quem são admiradores fanáticos. Acolhidos pelos Médicis, pagam a sua acolhida explicando as obras dos seus antigos compatriotas e exaltando a glória de tudo o que foi inspirado pelo gênio pagão. Ao ouvi-los, a Europa até então nada conheceu de literatura, de eloquência, de filosofia, de poesia, de belas-artes.

> *Bárbaro, instrui-te; não procures mais os teus modelos nem as tuas inspirações nos teus pretensos grandes homens, nos teus anais, na tua religião. A Roma pagã, a Grécia pagã sobretudo, só elas podem oferecer-te, em todos os gêneros, obras-primas dignas das tuas meditações. Ali esteve o monopólio do gênio, do saber e da eloquência; ali estiveram os homens que deves imitar, mas que jamais igualarás: a tua glória será aproximar-te deles; não te lisonjeies de ir mais longe: eles plantaram as colunas de Hércules da inteligência humana.*

Eis o que foi dito em todos os tons pelos novos mestres.

Surdamente minada pelo espírito de revolta, triste fruto do grande cisma do Ocidente, a Europa empresta ouvido atento a esses discursos: vê neles uma censura, uma injúria ao catolicismo. Com todo o ardor de um rancor longamente comprimido, aproveita a ocasião de quebrar a sua autoridade literária, à espera de poder romper abertamente com ele quebrando a sua autoridade religiosa. Um imenso eco responde à voz sedutora dos novos doutores. Já não se veem senão os pagãos de Roma e de Atenas; devoram-se as suas obras; exaltam-nas até as nuvens; já não se conhecem para a humanidade senão dois séculos de luz: o século de Augusto e o século de Péricles; todos os outros são encobertos pelos Charles Dupin da época sob largas zonas de tinta negra. Nada é belo, nada é suportável nas diversas formas do pensamento humano, na linguagem, na poesia, na eloquência, na pintura, na escultura, na arquitetura, senão o que traz o cunho do paganismo. Começa-se a corar por não o ter sabido mais cedo; faz-se disso emenda honrosa,

esforçando-se por refazer-se à imagem da antiguidade.

Tanto para poupar à infância semelhante labor quanto para assegurar o êxito dessa feliz renascença, apressam-se a preparar um molde perfeitamente pagão e nele vazam as jovens gerações. Fora os clássicos cristãos, as Atas dos mártires, as Escrituras, os Padres da Igreja que haviam formado os seus avós! A história dos deuses do Olimpo, as fábulas de Fedro e de Esopo, Quinto Cúrcio, Ovídio, Virgílio, Horácio, Homero, Xenofonte, Demóstenes, Cícero, Aristófanes: eis doravante os modelos exclusivos dos jovens cristãos, dos filhos dos cavaleiros e dos mártires.

> *Será um dos espantos do futuro, diz um grave protestante dos nossos dias, saber que uma sociedade que se dizia cristã consagrou os sete ou oito mais belos anos da juventude dos seus filhos ao estudo exclusivo dos pagãos!*[1]

E contudo é um fato. Sim, é um fato que na época de que falamos houve uma ruptura completa da cadeia tradicional do ensino, um desvio exorbitante na marcha do espírito humano; numa palavra, uma mudança radical na educação da juventude.

Há outro livro ainda mais clássico, e, se possível, mais popular que as obras impressas ou manuscritas: quero falar da arte em geral. Consagrada exclusivamente à religião, explicava aos olhos dos sábios e dos ignorantes os atos dos mártires, os fatos da Escritura e as histórias dos santos: as páginas tão variadas, tão inteligíveis desse novo livro achavam-se por toda parte, nas igrejas e até no lar da mais humilde choupana. Tal era o segundo livro clássico, o segundo molde cristão das jovens gerações.

Ora, o que acabavam de fazer pela literatura, apressaram-se a fazê-lo pelas artes. Ao tipo cristão sucede um tipo perfeitamente pagão, e a juventude é reconduzida a ele. Fora todas as glórias artísticas das idades de fé! fora os magníficos monumentos de arquitetura, de pintura, de ourivesaria de que a Europa está coberta! Os templos mutilados da Grécia e da Itália, as estátuas, os vasos, os troncos de coluna, os arcos de triunfo, os edifícios meio arruinados do paganismo, os afrescos dos seus palácios, as nudezas das suas vilas e das suas termas: eis para o pintor, o escultor, o arquiteto, o desenhista, o ourives os verdadeiros livros clássicos e o tipo exclusivo do belo. Aqui, como na literatura, o entusiasmo foi levado ao delírio; tornou-se uma epidemia que alcançou toda a Europa. Sem dúvida para dirigi-lo, a própria Roma, na pessoa dos papas saídos da casa dos Médicis, pôs-se à frente do movimento: a Renascença gozou de grande favor na capital do mundo cristão. Sem falar do culto ardente das letras pagãs nem das honras principescas prodigalizadas aos artistas da nova escola, tudo o que se ligava à antiguidade pagã despertava a atenção: a descoberta de um vaso ou de uma estátua era um acontecimento.

Acabais de ver como foi quebrado o molde em que a Europa fora modelada durante quinze séculos, e de que saíra tão heroica, tão cavalheiresca, tão forte, tão grande em tudo, numa palavra, tão cristã. Lembro-vos agora a vossa primeira objeção e vos pergunto: Pareço-vos ainda demasiado absoluto? A mudança de molde foi menos completa do que eu havia afirmado? Recolhei as vossas lembranças e comparai.

Durante as duas primeiras épocas, os clássicos, isto é, ao mesmo tempo os livros e as artes apresentados como modelos à infância, são exclusivamente cristãos. Durante a terceira época, são exclusivamente pagãos.

Durante as duas primeiras épocas, os clássicos propriamente ditos são: as Atas dos mártires, a Sagrada Escritura, os Padres da Igreja; só secundariamente se estudam as obras pagãs, e somente na adolescência. Durante a terceira época, os livros clássicos propriamente ditos são: as histórias dos deuses do paganismo, as fábulas do paganismo, os livros dos grandes homens do paganismo; estudam-se principalmente, exclusivamente, e isso desde a primeira infância.

Durante as duas primeiras épocas, a infância permanece muito tempo no seio da família, onde é fortemente nutrida com o puro leite das verdades cristãs; só passa às escolas para receber um alimento mais substancial, mas não menos cristão. Durante a terceira época, a infância deixa muito cedo o lar doméstico, onde já recebe um alimento metade cristão e metade pagão: entra depois nas escolas públicas, onde só encontra um alimento exclusivamente pagão.

Durante as duas primeiras épocas só se estudam os pagãos com um fim religioso, e de modo algum como modelos de pensar, de sentir e de falar. Durante a terceira época não se estudam os pagãos de modo algum com um fim religioso; mas como modelos exclusivos da perfeição na arte de pensar, de sentir e de falar.

Pode a mudança de sistema, de forma, de molde ser mais completa?

Notas

[1] De Gasparin, *Des institutions générales du protestantisme* [Das instituições gerais do protestantismo].

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:18 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:18 by Admin